

res. Voltou a circular, de 9 de junho a 16 de novembro, sem condições para expressar a opinião dos liberais. Depois de longo silêncio, reapareceu, a 2 de fevereiro de 1852, circulando até 30 de abril, mas já não encontrava ambiente para a sua ação, e desapareceu definitivamente. A terrível luta do *Diário Novo* contra a opressão e o cerceamento da liberdade de imprensa constitui dos mais significativos e dignificantes exemplos que a história do periodismo brasileiro registra.

Desde seu aparecimento, participou da redação a figura singularíssima de José Inácio de Abreu e Lima<sup>(103)</sup>. Esse soldado, escritor, historiador e jornalista, que seria um dos precursores da introdução das idéias socialistas em nosso país, herói da libertação das colônias espanholas, era articulista de pulso e a ele coube, na verdade, a orientação do *Diário Novo*, particularmente depois da morte do irmão. Enquanto órgão do governo liberal, a folha defendeu as posições assumidas pelo partido no poder e que tanto o desgastaram; não podia ser de outra maneira, então. Nessa fase, Borges da Fonseca, representando a esquerda, qualificava Chichorro da Gama, governador liberal, “baiano infame e vil”; o *Diário Novo*, órgão do governo, qualificava Borges da Fonseca “o mais famoso anarquista do Brasil. . . verdadeiro bandido, sem crenças, sem princípios, sem convicções; especulador em toda a extensão do termo, conhecido e assinalado com todos os defeitos de um espírito rebelde, arrogando-se o pomposo título de advogado do povo, incutindo-lhe princípios errôneos, idéias perigosas, arrastando-o a um precipício certo, prostituindo e estragando a imprensa, a mais sublime das instituições liberais, e proclamando como direito do povo o punhal e o bacamarte”.

diários, guarida certa dos agitadores da época. . .” (Vamireh Chacon: *História das Idéias Socialistas no Brasil*, Rio, 1965, págs. 163/164).

(103) José Inácio de Abreu e Lima (1796-1869) ingressou na Academia Real Militar, no Rio de Janeiro. Capitão de artilharia ainda muito jovem, foi designado para servir na guarnição de Angola, mas não seguiu a destino. Em 1816, na Bahia, foi envolvido em processo de “assuada, resistência e ferimentos”, sendo preso numa das fortalezas locais. Ali estava preso, quando chegaram à Bahia, em jangada, o pai e o irmão Luís, emissários da revolução pernambucana de 1817. Abreu e Lima descreveria, mais tarde, em página antológica, a dignidade do velho padre Roma e a prostração do moço “atirado, doente e nu, no chão enlodaçado da enxovia”. Por decisão iníqua do conde dos Arcos, foi obrigado a assistir à execução do próprio pai, fuzilado com um comportamento heróico, pelas idéias que defendia. Meses depois, posto em liberdade, abandonou o Brasil, dirigindo-se à Venezuela, onde ficou adido ao estado-maior de Bolívar. Participou das campanhas do libertador das colônias espanholas, combatendo nas batalhas de Carabobo e Boiacá. Chegando ao generalato das forças de libertação, abandonou a campanha, após a morte de Bolívar, voltando aos Estados Unidos, de onde passara à Venezuela. Daí dirigiu-se à Europa, onde assistiu à revolução de 1830. Estava de volta ao Brasil, em 1832, idolatrando a Pedro I, em que via o campeão da Independência brasileira. Começou a escrever, então, o seu *Bosquejo Histórico*, em que dizia temer a implantação da oligarquia no Brasil. Combateu Feijó, no pasquim *O Raio de Júpiter* (1836), tendo redigido